



RELACIONES INSETO-PLANTA NA TAFOLFLORA NEÓGENA DE JAGUARIÚNA, FORMAÇÃO RIO CLARO, DEPRESSÃO PERIFÉRICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Maria Aparecida dos Santos e Mary Elizabeth Cerruti Bernardes-de-Oliveira*

*Universidade de Guarulhos

Cerca de 600 fitofósseis foram coletados em afloramento da Formação Rio Claro, na rodovia SP-340, km 136,5, margem esquerda, sentido Campinas - Moji - Mirim, no município de Jaguariúna (SP). Em trabalho anterior, nessa tafoflora, foram identificadas e descritas espécies como: *Elaphoglossum* sp. *Serjania mezzalirae*, *Typha tremembensis*, *Leguminosites* sp. *Monocotylophyllum* sp. *Dicotylophyllum* spp além de espécies novas de *Aspidosperma*, *Monocotylophyllum*, *Ocotea* e *Typha*. A partir de análises morfográficas foliares e da fração argilosa da matriz, sob Raios-X, foi inferido clima tropical úmido. Após a taxonomia, iniciou-se a pesquisa de interação inseto-planta na forma de galhas, oviposição e mordeduras de herbívoros. Aqui, danos foliares registrados na tafoflora são descritos e principais agentes causadores sugeridos. Herbivoria observada foi associada à estação quente, quando as folhas tenras garantiam o suprimento alimentar e a oviposição. As galhas foliares comprovam que os insetos geradores preferem a vitalidade da arquitetura foliar das plantas hospedeiras. As fêmeas de galhadores selecionam plantas maiores para a oviposição. As galhas foliares indicam que foram fossilizadas antes da eclosão dos insetos (Cecidomyiideos-Dipteros).

Algumas não se desenvolveram devido à resistência das plantas hospedeiras, deixando manchas acinzentadas de diâmetro variável, na superfície foliar. Em ambientes tropicais, a resistência da planta hospedeira constitui um fator importante no controle populacional de insetos galhadores. Sabe-se que, atualmente, o *Elaphoglossum* é atacado por Thysanoptera; *Ocotea pulchella* sofre danos por Hymenoptera, Lepidoptera e Díptera; *Serjania* é atacada por galhas de formigas, termitos, *Apis*, Coleóptera, Hemíptera e Thysanoptera. Plantas aquáticas *Alternanthera philoxeroide* e *Typha* são atacadas por nematóides do tipo *Meloidogyne* sp. Agora importa comparar os danos causados pelos organismos afins viventes, com os encontrados no registro fóssil.

SEQUENCIAS DEPOSIIONAIS DO QUATERNÁRIO NA REGIÃO COSTEIRA DE MARICÁ (RIO DE JANEIRO)

André Luiz Carvalho da Silva; Maria Augusta Martins da Silva; Luiz Antônio Pierantoni Gambôa; Amilson R. Rodrigues; Amanda Morato Alcântara; Daiane Flores Paludo; Carolina Pereira Silvestre*

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A região costeira de Maricá (RJ) é caracterizada pela presença de duas barreiras arenosas (uma interna pleistocênica e outra externa holocênica) separadas por pequenas lagunas colmatadas e pela imponente lagoa de Maricá. A integração de dados obtidos com o ground penetrating radar (GPR) e sondagens geológicas realizadas nesse litoral forneceu informações sobre a sedimentação quaternária desta área. Foram adquiridos 7 perfis de GPR totalizando 7.350 metros, empregando-se um Georadar GSSI modelo SIR-2000 com uma antena de 200 MHz, que proporcionou o melhor arranjo entre resolução e profundidade de penetração de cerca de 25 metros. O processamento dos dados foi realizado no software RADAN (Radar Data Analysis). Para a correção da topografia dos dados de GPR, um levantamento topográfico foi realizado ao longo dos mesmos perfis. Foram perfurados 12 poços de sondagens à percussão e com o trado mecânico, alcançando a profundidade máxima de 27 metros, totalizando 262,3 metros de perfuração. Os resultados indicaram a existência de um depósito sedimentar costeiro de cerca de 30 metros de espessura sobre o embasamento Pré-Cambriano. O depósito costeiro de Maricá é formado por seis unidades litológicas, denominadas unidades I, II, III, IV, V e VI, compostas apenas por areia grossa a média (sedimento predominante) e lamas. Estas unidades formam três seqüências deposicionais costeiras: Seqüência Costeira Pleistocênica-I (unidades I e II), Seqüência Costeira Pleistocênica-II (unidades III e IV) e Seqüência Costeira Holocênica (unidades V e VI), correspondentes a sistemas de barreiras e lagunas. Os dados permitem reconstruir a evolução geológica dessa região costeira mostrando a formação e migração das barreiras (progradação e retrogradação) como resposta às flutuações do nível do mar durante o Quaternário Superior.